

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Professora do Instituto de Artes e Design da UFJF. É co-organizadora de *Moda em ziguezague: interfaces e expansões* e autora dos livros *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* e *Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*.

E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br



Antes de mais nada, uma pequena advertência: o que lhes trago são anotações, fios soltos. Estou em busca de companhia para conectar esses fios, tramar sentidos, ainda que provisórios. "Estou procurando... estou tentando entender." Eu me vejo um pouco no espanto daquele narrador do livro de Clarice Lispector. Sem nenhuma pretensão, desejei essa vizinhança.

Busco a companhia do inclassificável Flávio de Carvalho (2010, p. 9). Para ele, são exatamente os sujeitos que trafegam pelas ruas, praticando sua errância, com suas roupas estapafúrdias, enfeitadíssimas, "marginais descontrolados que falam a um mundo próprio, o mundo da loucura e do sonho (...), os legítimos detentores da grande imaginação e da grande moda. São os supremos criadores da fantasia humana (...) E tão desprezados pelo povo que passa".

Fala-se aqui de um desencaixe, espécie de liberação de uma inscrição social, o que me parece ser uma pista produtiva para se investigar modalidades de criação, na medida em que esses sujeitos fronteiriços são buliçosos, não param de se conectar a outros fluxos subjetivos, afetivos, criativos, políticos, ativando outros modos de existência.

O próprio Flávio, é sabido de todos, praticou essa errância mais de uma vez; basta invocar, por exemplo, sua *Experiência n° 3*, de 1956, ao desfilar, pelas ruas do Centro de São Paulo, o seu *Traje de Verão*. Ele que, segundo Luiz Camillo Osório (2005, p. 10), "optou por uma marginalidade e uma dispersão criativa que dificultaram sua inserção histórica. Dificultaram, mas não inviabilizaram, afinal, sua atualidade vem sendo notada pelas novas gerações".

Ainda é Camillo Osório (2005, p. 11) quem vai nos dizer duas coisas, que eu sublinharia. A primeira é a de que não é exatamente a moda que interessa a Flávio, "é a vontade de invenção", ainda que, e isso não escapa a esse autor, pensar o traje, os trópicos, a existência, a cultura, seja uma dimensão da sua ação poética. Outra, é o fato de que "a sua insensatez coincide com a coragem de exercer



Ilustração: Caio Borges
Formado em Artes Plásticas pela FAAP.
Íntegra a equipe do Estúdio Onze
<www.estudioonze.com.br>.

uma liberdade criativa que é fértil pelo simples fato de existir".

O recorte que faço do texto de Luiz Camillo Osório me auxilia a afirmar uma ideia que me é cara e está presente em Guattari, este em companhia de Suely Rolnik: o atrevimento de se singularizar. E singularizar-se, para Guattari (1986, p. 45), é resistir ao "controle social, através da produção de subjetividade em escala planetária", uma referência à subjetividade capitalística. Seria travar microcombates, enfrentamentos cotidianos, que ponham em cena outros desejos, outros modos de existir, outras sensibilidades, enfim, outros universos de referência. Talvez seja preciso tomar a subjetividade, fazer dela um campo de experimentos capaz de cometer traições a pactos sociais instalados, em que nos encaixamos, às vezes de forma demasiada, até inadvertidamente. Flávio de Carvalho (2000, p. 30) atribuiu à roupa um importante papel pela sua intimidade com o corpo, e para ele, o corpo é o que importava. Corpo vestido de impetuosidade, que avançava decidido pelas ruas da metrópole, alastrando sua largueza, conectando-se a tantos outros corpos que arrastam seu exílio, uns "párias da família humana", invocando o poeta Waly Salomão (2000), aquele em cujos versos leio: "Fiz tudo ao contrário (...) Sou todo ao convulsivo (...)". Curioso pensar em Flávio, ele também um desencaixado, ou melhor, um praticante dos desencaixes, procurando entender que desejos no campo social e afetivo rondam os corpos. De alguma forma conectado a essa força que vem de corpos avariados que perambulam pelas ruas, carregando uma certa exuberância inqualificável que nos incomoda. Desobedientes, os corpos colidem com nosso sistema-vida categórico e, por onde passam, deixam rastros fulminantes. E os tememos como a peste, porque em vez de multiplicar identidades, coisa que nos apazigua, nos faz rodar em círculos de pretensa vida, produzem multiplicidades, produzem vida em variação.

Por puro ressentimento relegamos esses corpos à infâmia, os punimos pelo seu atrevimento de serem

foragidos da lógica identitária, por escaparem por todos os lados, ainda que muitos, loucos, estão, estiveram ou estarão trancados, mas vazam. E seus gestos e falas imantam o chão que pisam com seus delírios. E delírio tem uma etimologia interessante, li num livro. Referindo-se a um contexto da terra, diz respeito aos sulcos abertos pelo arado. E se a riqueza vem da terra, delirar é ser insensato, é dar às costas ao que provê sua existência. Delirar, então, é sair do caminho reto, ir ao encontro de outras sementeiras, cair fora do mundo socializado, respirar outros ares.

Ninguém sai ileso da potência enredadora da Vida, dos tsunames existenciais, de onde, sabemos, sairemos outros: nadaremos? afundaremos? Há que se cuidar, mas não se defender. Sob uma forma desabada, esboça-se outra. Mas como acolher esse bebê informe? De que jeito? Embalando com as mesmas canções? Vestindo-o com as mesmas roupas?

Preciso dizer, e faço minhas as palavras de Peter Pál Pelbart (2000, p. 161), que eu não pretendi em nenhum momento fazer aqui um elogio à loucura. "Uma coisa é o esquizofrênico como tipo psicossocial, essa entidade produzida, hospitalar, clínica, artificial. Outra coisa é o esquizofrênico tomado como personagem conceitual, portador de fluxos desterritorializados, e descodificados, processualidade pura." O que nos cabe atentar, a meu ver, é para esse funcionamento de fluxos-esquizes, e nesse sentido é que tomei Flávio pelo braço. Ele avançou sobre os códigos civilizatórios, produziu pequenos terremotos. Delirou, saiu do sulco. Isso é motivo de muita alegria.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Flávio. *A moda e o novo homem*. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

OSÓRIO, Luiz Camillo. *Eu sou apenas um! As experiências de Flávio de Carvalho*. In: *Caderno VideoBrasil: Performance*. São Paulo: Associação Cultural VideoBrasil/SESC, .

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

SALOMÃO, Waly. *Tarifa de embarque*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

